

EDUCAÇÃO AO AR LIVRE E GEOGRAFIA: caminhos possíveis no currículo brasileiro

OUTDOOR EDUCATION AND GEOGRAPHY: possibilities in the Brazilian school curriculum

PAOLA GOMES PEREIRA

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS

Professora do Colégio de Aplicação da UFRGS

paola.pereira@ufrgs.br

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

Doutor em Comunicação Social (PUC/RS)

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRGS

castroge@ig.com.br

RESUMO: NESSE TRABALHO ABORDAMOS NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM E REFLETIMOS SOBRE RESULTADOS POSSÍVEIS QUE POSSAM EMERGIR ATRAVÉS DESSAS PRÁTICAS. A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE (OUTDOOR EDUCATION) É UMA ÁREA DE ENSINO BASTANTE PRESENTE EM PAÍSES EUROPEUS, EM ESPECIAL, PAÍSES DE ORIGEM ANGLO-SAXÔNICA E GERMÂNICA. NO BRASIL, A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE EM ALGUNS MOMENTOS É INCORPORADA POR INSTITUTOS E ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS, MAS AINDA É POUCO EXPLORADA NO ENSINO ESCOLAR. PENSAMOS SOBRE OS CAMINHOS POSSÍVEIS QUE POSSAM SER CONSTRUÍDOS ATRAVÉS DO DIÁLOGO COM ESSA ÁREA NO BRASIL. UMA DAS NOSSAS DÚVIDAS É: O QUE DIFERENCIA A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REALIZADA FORA DA SALA DE AULA? ESSA É UMA DAS PERGUNTAS QUE ORIENTARÁ NOSSAS REFLEXÕES NESSE TRABALHO. BUSCAMOS NESSA PESQUISA PENSAR A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE VOLTADA PARA O LUGAR, NA QUAL O DESCOBRIMENTO DA COMUNIDADE LOCAL E DO ESPAÇO VIVIDO ESTÁ PRESENTE NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM QUE BUSCAM O EXERCÍCIO DA CIDADANIA. DESSA FORMA, UMA EDUCAÇÃO QUE INSTIGUE O ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE LOCAL, A COMPREENSÃO DAS CARACTERÍSTICAS NATURAIS DO LUGAR E UMA SENSÇÃO DE CORRESPONSABILIDADE PELO ESPAÇO, PODE CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ E O CUIDADO COM O ESPAÇO VIVIDO. A PESQUISA AINDA SE ENCONTRA EM SUAS ETAPAS INICIAIS E A METODOLOGIA DESENVOLVIDA ATÉ ENTÃO FOI CONSTITUÍDA DA CONSTRUÇÃO DE REFERENCIAL TEÓRICO QUE PERMITA REFLETIR SOBRE OS CONCEITOS RELACIONADOS A TEMAS COMO A COMPLEXIDADE, A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE, O ENSINO DE GEOGRAFIA, A PAISAGEM E O LUGAR. REALIZAMOS UMA ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DO BRASIL, CONSIDERANDO OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS NO COMPONENTE CURRICULAR DE GEOGRAFIA, PARA A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS PENSADAS PARA O COMPONENTE, IDENTIFICAR AS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AO AR LIVRE PARA O DESENVOLVIMENTO DESTAS. REFLETIMOS SOBRE A FORMA COMO A EDUCAÇÃO AO AR LIVRE PERMITE A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS GEOGRÁFICAS E TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS, E APRESENTAMOS ATRAVÉS DE ATIVIDADES AS POTENCIALIDADES DESSAS PRÁTICAS.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO AO AR LIVRE; ENSINO DE GEOGRAFIA; CURRÍCULO; COMPETÊNCIAS GEOGRÁFICAS.

ABSTRACT: IN THIS WORK WE APPROACH NEW TEACHING AND LEARNING METHODOLOGIES AND REFLECT ON THE POSSIBLE RESULTS THAT MIGHT EMERGE FROM THESE PRACTICES. OUTDOOR EDUCATION (OUTDOOR EDUCATION) AS A STUDY AREA IS LARGELY PRESENT IN EUROPEAN COUNTRIES, ESPECIALLY COUNTRIES OF ANGLO-SAXON AND GERMAN ORIGINS. IN BRAZIL, NON-GOVERNMENTAL INSTITUTES AND ORGANIZATIONS SOMETIMES INCORPORATE OUTDOOR EDUCATION, BUT THIS SUBJECT IS STILL LITTLE OR EVEN NO EXPLORED IN REGULAR SCHOOL EDUCATION. IN THIS PAPER WE CONSIDER THE PATHS THAT THIS AREA MIGHT ALLOW TO BE DEVELOPED IN BRAZIL. ONE OF THE MAIN QUESTIONS THAT EMERGE IS: WHAT DIFFERENTIATES OUTDOOR EDUCATION FROM A PEDAGOGICAL FIELD TRIP CARRIED OUT OUTSIDE THE CLASSROOM? THIS IS ONE OF THE QUESTIONS THAT WILL GUIDE OUR REFLECTIONS ON THIS WORK. IN THIS RESEARCH WE SEEK TO APPROACH OUTDOOR EDUCATION FOCUSED ON THE CONCEPT OF PLACE, IN WHICH THE DISCOVERY OF THE LOCAL COMMUNITY AND THE LIVING SPACE ARE PRESENT IN THE TEACHING AND LEARNING ACTIVITIES THAT SEEK THE EXERCISE OF CITIZENSHIP. IN THIS WAY, AN EDUCATION THAT INSTIGATES THE INVOLVEMENT WITH THE LOCAL COMMUNITY, THE UNDERSTANDING OF THE NATURAL CHARACTERISTICS OF A PLACE AND A FEELING OF CO-RESPONSIBILITY FOR THE SPACE, CAN CONTRIBUTE TO CITIZEN FORMATION AND CARE WITH THE LIVING SPACE. THE RESEARCH IS STILL IN ITS INITIAL STAGES AND THE METHODOLOGY THAT HAS BEEN DEVELOPED CONSISTED IN THE BUILDING OF A THEORETICAL FRAMEWORK THAT ALLOWS US TO REFLECT ON CONCEPTS RELATED TO TOPICS SUCH AS COMPLEXITY, OUTDOOR EDUCATION, GEOGRAPHY TEACHING, LANDSCAPE AND PLACE. WE CONDUCTED AN ANALYSIS OF THE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BRAZILIAN COMMON NATIONAL CURRICULAR BASE), CONSIDERING THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION, IN THE AREA OF HUMAN SCIENCES IN THE CURRICULAR COMPONENT OF GEOGRAPHY, IN ORDER TO IDENTIFY THE POSSIBILITIES OF APPLYING OUTDOOR EDUCATIONAL PRACTICES FOR THE DEVELOPMENT OF SPECIFIC ABILITIES AND SKILLS. WE REFLECT ON HOW OUTDOOR EDUCATION ALLOWS THE BUILDING OF GEOGRAPHICAL SKILLS AND PERSONAL TRANSFORMATIONS, AND WE PRESENT THOSE REFLECTIONS THROUGH ACTIVITIES THAT CAN BE POTENTIAL PRACTICES.

KEYWORDS: COOUTDOOR EDUCATION; GEOGRAPHY TEACHING; CURRICULUM; GEOGRAPHICAL SKILLS

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge a partir da minha experiência de mestrado no curso “Transcultural European Outdoor Studies”, entre os anos de 2012 e 2014, esse é um curso organizado pela comissão de Educação da União Europeia e oferecido por três universidades em países distintos (Reino Unido, Noruega e Alemanha). Buscamos, nesse momento, estabelecer e pensar possibilidades a partir da área de conhecimento da Educação ao Ar Livre (Outdoor Education) e do currículo da Geografia no Brasil. A Educação ao Ar Livre (Outdoor Education) é uma área de estudo muito frequente em países europeus, em especial, países de origem anglo-saxônica e germânica. No Brasil a Educação ao ar livre é incorporada por institutos e organizações não-governamentais, como por exemplo, o Instituto Romã e a *Outward Bound* Brasil, mas ainda pouco, ou muitas vezes não utilizada no ensino escolar. Pensamos então, o que diferencia a educação ao ar livre de uma prática realizada fora da sala de aula? Iniciamos essa reflexão com a noção de que a Educação ao Ar Livre, segundo Brown (2008), inclui as três características elencadas a seguir de forma indissociável:

- primeiro: é necessário um processo de aprendizagem com o desenvolvimento de habilidades e competências previamente estabelecidos;
- segundo: é essencial que esse processo de aprendizagem ocorra ao ar livre, em espaços abertos e em contato com a natureza;
- terceiro: é imprescindível que o corpo esteja envolvido nessa atividade, a expressão “embodied” do inglês, traduzida para corporificada no português, ajuda na compreensão desse ponto, é uma experiência em que o corpo está ativamente envolvido.

Dessa forma uma atividade ao ar livre adiciona, ao que estamos mais acostumados a chamar de uma saída de campo na disciplina de Geografia, o envolvimento do corpo nessa

prática e é esse envolvimento que permite uma aprendizagem com novos significados ao aluno e para o que ele está vivenciando. Além disso, a Educação ao Ar Livre também não visa necessariamente atender pressupostos disciplinares, e muitas vezes as habilidades previstas para uma prática de Educação ao Ar Livre vão além de um componente específico (QUAY, 2016). Isso retoma a importância de que nós, enquanto professores de Geografia, tenhamos a clareza e conhecimento das habilidades e competências referentes ao saber geográfico que estarão presentes em uma prática que envolva esse formato de atividades.

Ao buscarmos a origem da Educação ao Ar Livre na Inglaterra compreenderemos que ela está diretamente relacionada ao movimento de contracultura do Romantismo que questionava as ideias puramente racionais do Iluminismo (LOYNES, 2010). É por isso que, em diversos momentos, a Educação ao Ar Livre esteve associada aos ideais românticos de uma busca por lugares nunca antes explorados, intocados, distantes e únicos. Ao pensarmos sobre essa área, questionamos algumas dessas ideias, e buscamos nesse trabalho desenvolver um projeto de Educação ao Ar Livre que tenha no Lugar, enquanto espaço vivido, as possibilidades de aprendizagem mais significativas, onde descobrir a comunidade local e o espaço vivido em primeira mão estarão presentes nas práticas pedagógicas que buscam o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

Tendo como guia os conceitos de Lugar (pertencimento e identidade) e Paisagem, buscaremos pensar práticas que envolvam atividades ao ar livre e que sejam possíveis dentro de diferentes contextos escolares no país. A partir das observações e das leituras dos referenciais refletimos sobre a influência que práticas de Educação ao Ar Livre poderão ter na construção de competências do componente curricular de Geografia e nas transformações ligadas a competências gerais e socioemocionais. Propomos neste momento, atividades baseadas nessas competências que procurem estimular

a leitura e apreciação da paisagem e repensar, ou mesmo desconstruir, determinadas representações e permitir novas formas de enxergar o que já é conhecido, mas não explorado. A ideia é que essas práticas possam ser aplicadas aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

DISCUSSÃO

De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, aproximadamente 85% da população vive em áreas urbanas no Brasil (IBGE, 2010). É comum que a vida urbana nos distancie dos espaços naturais e que cada vez menos as crianças realizem atividades próximas e envolvidas com a natureza. Dessa forma, refletimos se as noções de Espaço e Lugar não estão se tornando cada vez mais superficiais, e que o desenvolvimento dos sentimentos de identidade e de pertencimento ao lugar acabam se fragilizando.

Práticas de Educação ao Ar Livre podem permitir também outras formas de ultrapassar o distanciamento entre a escola e a vida das crianças. Mesmo que essas práticas não sejam necessariamente realizadas com frequência por todos os alunos, esses ainda percebem as atividades realizadas ao ar livre como uma forma de entender o seu dia-a-dia, os lugares que percorrem diariamente, os cheiros das marcas encontradas no espaço, as sensações experienciais permitidas pelo ambiente, e que são frequentemente apenas olhados e não enxergados através da contemplação (PEREIRA; CASTROGIOVANNI, 2020).

Apesar do reconhecimento geral em relação à importância das pessoas praticarem atividades ao ar livre, observamos que práticas que envolvam o ensino formal utilizando a Educação ao Ar Livre ainda parecem incipientes no Brasil e, por isso, esse estudo apresenta-se com grande potencial de execução, uma vez que a sociedade já observa a necessidade de ocupar e vivenciar esses espaços. Ou seja, a questão não é sobre ideias que não são aceitas: por certo, apenas nos falta um indicativo de

trajeto para colocá-las em prática. Nessa análise, buscamos pensar atividades ao ar livre que incluam um envolvimento efetivo com o espaço geográfico, com o objetivo de oportunizar novas possibilidades de construção de conhecimento e novas vivências espaciais.

Para compreendermos a Educação ao Ar Livre nos parece importante retomarmos a filósofos gregos, como Aristóteles e Platão, que realizavam as suas aulas em espaços abertos através de certas atividades como a própria caminhada. Essa foi uma forma de aprender que se desenvolveu ao longo de séculos no continente europeu. A título de exemplificação, podemos citar citamos o momento posterior à primeira Revolução Industrial quando se buscou, por meio do pensamento romântico, uma forma para reconectar-se com a natureza como resposta aos pensamentos racionais da época (HACKETT, 1992). Essa origem fez com que durante muito tempo a busca pela natureza estivesse relacionada a ideia de paisagens intocadas e distantes, e que isso era necessário para que se configurasse uma atividade ao ar livre significativa. Com as transformações da sociedade inglesa, e a ascensão da classe trabalhadora, percebeu-se a importância da incorporação de atividades ao ar livre que valorizassem o lugar. Em algumas escolas no Reino Unido essas atividades são propostas como componentes curriculares que utilizam as competências das mais diversas disciplinas. Tais atividades também aparecem como forma de inserção de grupos excluídos dentro da sociedade, permitindo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento para diversos sujeitos (LOYNES, 2010).

Além da experiência inglesa, buscamos também compreender o *Friluftsliv* norueguês, noção que significa literalmente “vida ao ar livre”. O *Friluftsliv* inclui atividades rotineiras realizadas nos espaços ao ar livre, trata-se de uma prática que está fortemente conectada com a constituição da identidade nacional norueguesa e relacionada ao lugar e ao ambiente (GURHOLT, 2008).

Inspiradas pelas transformações da área no Reino Unido e pelo *Friluftsliv* norueguês, as práticas de Educação ao Ar Livre voltadas para o lugar, tornaram-se cada vez mais frequentes nesse campo de estudos. Knapp (2005), por exemplo, propõe dez maneiras para conhecermos a natureza e desenvolvermos um senso de lugar. São algumas delas: (a) desenvolver a reflexão, a imaginação e o questionamento, conhecer a história local; (b) observar mudanças sazonais; (c) ouvir com intenção; (d) contar e medir; (e) empatia com uma natureza personificada; (f) conexão com elementos em ciclos; (g) encontrar (enxergar) a beleza; (h) buscar a solidão para a reflexão e melhorar a qualidade da terra.

Ao refletirmos sobre cada um desses itens entendemos que eles apresentam grande potencialidade para serem desenvolvidos por meio de práticas de Educação ao Ar Livre. Quando nos perguntamos: como aprender a encontrar (enxergar) a beleza do nosso lugar? De que forma conhecer a história local? Para cada uma dessas propostas é possível pensar em como estar ao ar livre facilitaria o desenvolvimento dessas habilidades. A educação voltada para o lugar é um tema muito discutido pelo ensino de Geografia, como podemos dialogar com obras como as de Cavalcanti (2008 e 2011) e Callai (2000), que nos relembram a importância do lugar e da vida cotidiana enquanto possibilidade de compreender o mundo, e que a partir do lugar criamos possibilidades para ler e interpretar o espaço geográfico. Em diálogo com essas autoras, nos perguntamos, será que através de atividades ao ar livre não teríamos uma posição privilegiada para proporcionar uma educação voltada para o lugar? Como podemos conhecer e agir no espaço geográfico a partir de ambientes fechados? Existem diversas abordagens que buscam essa construção a partir da sala de aula e nossa ideia aqui não é dispensá-las, mas sim instigar novos trajetos que venham a facilitar o desenvolvimento de competências geográficas.

Em nossa leitura, entendemos que o conceito de Paisagem está intrinsecamente relacionado com essa temática, uma vez que, a

leitura, a contemplação e a análise da paisagem são necessárias para desenvolver as competências de diversas áreas. Na busca por refletirmos sobre esse conceito dialogamos com Cosgrove (1984) que nos diz que “a paisagem não é meramente o mundo que nós vemos, é uma construção, uma composição desse mundo. Paisagem é uma forma de ver o mundo”¹. Se a paisagem é uma forma de enxergarmos o mundo, será que podemos sensibilizar esse olhar? Esse sentir? Através dos elementos que optamos por realçar fazemos leituras diferenciadas das paisagens enquanto sujeitos. Dessa maneira, ao explorarmos os ambientes ao ar livre podemos propiciar novas lentes para esse exercício de contemplação, bem como a aproximação a elementos até então menos evidentes para os sujeitos.

Complementamos a ideia de Cosgrove com a proposição de Ingold (1993) que nos traz a ideia da paisagem como “uma superfície tecida que muda através do tempo para incorporar as várias forças em jogo dentro do ambiente, incluindo a ação humana e o comportamento”². Assim, pensamos estar na ação humana a possibilidade de entendermos e transformarmos essa paisagem. O mesmo Ingold (1993) nos diz que as habilidades não são propriedades de um corpo de forma individual, mas constituídas através da presença desse corpo organizado no seu ambiente. Quer dizer, organizar-se enquanto corpo no seu ambiente nos parece uma ideia muita cara para ser levada em consideração ao planejarmos atividades de Educação ao Ar Livre. Mas, será que nossos corpos não estão frequentemente desorganizados em distintos ambientes? Ingold propõe metodologias para a leitura da paisagem e nos diz que através de práticas nós aprendemos a prestar atenção no que a paisagem pode nos permitir, onde ela nos permite ir, e como ela nos permite ir até lá. Mais uma vez, em apenas um pequeno trecho, temos noções muito sensíveis para nossa interpretação do conceito, onde essas paisagens nos permitem ir e como elas nos permitem ir até lá. Não seria a ampliação da leitura da paisagem também um maior grau de autonomia permitida aos sujeitos?

Ingold (1993) nos lembra que formamos um senso de sentimento e relação intuitiva com o lugar e com suas propriedades materiais e terrenas, e assim ganhamos uma sabedoria prática.

Quando Morin (2002, p. 39) nos propõe uma reflexão sobre os saberes necessários à educação do futuro, o autor destaca a importância de uma inteligência geral e nos diz que “o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permite melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais poderosa é a inteligência geral, maior é sua faculdade de tratar de problemas especiais.”. Essa proposição de Morin (2002) nos ajuda a retomar a noção de que as práticas de uma Educação ao Ar Livre facilitam e estimulam o desenvolvimento dessas competências gerais, por meio das quais nos é permitido o encaminhamento dos alunos para o desenvolvimento de competências específicas. Talvez esse seja um dos grandes pontos em relação à Educação Ar Livre, pois muitas vezes os seus objetivos não são apenas curriculares. Sendo assim, em muitos momentos as habilidades que encaminham para transformações pessoais podem estar mais visíveis nessas práticas do que as habilidades específicas das áreas do conhecimento. Naturalmente, isso não implica em uma situação em que habilidades curriculares não venham a ser alcançadas, mas o tempo e o processo para alcançá-las envolve habilidades prévias para então buscarmos competências de efetiva aplicação.

Os autores da Nova Zelândia Wattchow and Brown (2011) propõem pensar uma Educação ao Ar Livre voltada para o lugar, levando em consideração um mundo que observamos estar em constante e acelerado processo de mudança. Essas mudanças muitas vezes nos fazem buscar conexões mais significativas com os espaços naturais, já que é comum procurarmos a sensação de pertencimento ao lugar. No livro, os autores sugerem que é necessário um currículo baseado no lugar e que transcenda a especificidade das áreas do conhecimento. Uma vez que eles escrevem em um país que já possui práticas de Educação ao Ar Livre, nos parece relevante levar

isso em consideração para nossa leitura e busca de diálogo entre as áreas. Alguns indicativos de caminhos com propostas por meio dessa abordagem podem ser observados nos textos de Pereira (2015) e Pereira e Castrogiovanni (2020) que sugerem algumas práticas possíveis considerando o contexto brasileiro.

Nossas abordagens estão baseadas na nossa condição de aprendizes. Morin (1999) nos lembra que atravessamos apenas alguns arquipélagos de certeza, enquanto navegamos grandes oceanos de incertezas. As inquietações frequentes ao longo de nosso texto são pensadas ao dialogarmos com Freire (1985) na busca por desenvolver uma pedagogia da pergunta, pois entendemos que ao nos perguntarmos somos forçados a formular ideias que antes não estavam tão claras e que através da formulação de perguntas são vistas sob uma nova ótica.

No debate sobre o conceito de lugar, também é importante destacar as ideias de Claudino (2014) e Massey (1994). Claudino (2014) utiliza a expressão “cidadania territorial eficaz” (p. 1) e nos lembra da importância da educação geográfica para a cidadania, cidadania essa exercida através do lugar, para que assim os sujeitos se tornem protagonistas e autônomos nas tomadas de decisão sobre o seu território. Quando Massey (1994) discute o conceito de lugar ela nos atenta sobre a importância de compreendermos que o principal desafio é que quando valorizamos o que é único, o que é especial do meu lugar, não podemos esquecer que, simultaneamente, há uma conexão com outros lugares e que para existirmos enquanto lugar temos a necessidade do outro, numa ideia de co-dependência entre os lugares, do lugar enquanto ponto de encontros casuais de diversas origens. Falamos de noções que buscam evitar o crescimento de ideias excludentes e extremistas. A autora também nos lembra como o conceito de lugar invoca noções de pertencimento e identidade, tantas vezes fragilizadas no mundo atual (MASSEY, 2005).

Podemos complementar as ideias de Massey com a noção de globalização de Milton Santos (2004), que instiga a pensar sobre

pressupostos e ações globais que acabam influenciando na perda de identidades locais, fazendo com que os lugares se tornem mais difusos, diminuindo esse senso de pertencimento da população. Assim, uma Educação ao Ar Livre voltada para o lugar apresenta-se como caminho possível para facilitar o desenvolvimento de competências geográficas.

METODOLOGIAS

Para esse momento da pesquisa elaboramos e desenvolvemos as seguintes metodologias: primeiro realizamos um levantamento das bibliografias disponíveis considerando os conceitos abordados e apresentados, após essa escolha foi realizada a leitura desse material e estabelecidas as bases teóricas e conceituais para nossa investigação. A partir desses critérios foi proposta a análise do documento curricular oficial do Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), por meio da leitura desse documento e da identificação das competências do componente curricular da Geografia para os anos finais do Ensino Fundamental. A partir disso, pensamos quais as possibilidades que a aplicação de práticas de Educação ao Ar Livre proporcionariam para o desenvolvimento dessas competências. Considerando as sete competências da área, fizemos a seleção de três delas, que nesse momento, serviram como base para a elaboração de propostas de atividades que possam potencializar o seu desenvolvimento.

Durante o processo de trabalho elaboramos um quadro em que foram colocadas as competências do componente curricular de Geografia na BNCC, a forma como a Educação ao Ar Livre poderia contribuir para o desenvolvimento daquela competência e de que maneiras essas práticas pensadas se diferenciavam, por exemplo, de uma saída de campo. Para concluir indicamos quais exemplos de atividades de educação ao ar livre permitiriam desenvolver aquela competência. Para fins de fluidez da leitura, optamos por apresentar esse quadro em formato de texto nesse trabalho.

RESULTADOS

Se realizarmos um simples exercício de observarmos da primeira das competências propostas pela Base Nacional Curricular (BNCC) para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental na área das Ciências Humanas, verificamos que o texto aponta que cabe ao estudante “compreender a si e ao outro como identidade diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos” (BRASIL, 2018, p. 357). Podemos iniciar nossas reflexões com o exercício de perceber as possibilidades de desenvolver essa competência através da Educação ao Ar Livre. Para compreender o caráter único das identidades, nesse momento, entendemos como essencial que o aluno tenha desenvolvido e fortalecido a sua identidade. Naturalmente, essa é uma habilidade que pode ser desenvolvida por meio de outras escolhas pedagógicas, no entanto, consideramos que a Educação ao Ar Livre se apresenta enquanto um caminho exequível para esse exercício. Através de experiências ao ar livre torna-se possível enxergar o outro e a si mesmo a partir de novos ângulos, com diferentes enfoques e com novas formas de interação, permitindo então o desenvolvimento da competência proposta pelo documento brasileiro. Pensamos ser importante destacar que para que essas competências e habilidades sejam desenvolvidas o processo de planejamento e a definição dos objetivos do professor devem estar sempre muito claros e coesos.

Se dermos continuidade à nossa análise do documento, ao observarmos a proposta do componente curricular de Geografia, esta diz que “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive” (BRASIL, 2018, p. 358). Nos parece que podemos partir desse convite inicial para uma Educação ao Ar Livre, pois como encaminhar um aluno para compreender de forma cada vez mais competente o mundo em ele vive se não pudermos apresentar esse mundo por meio de uma exploração que instigue uma relação de proximidade com o meio

natural? Complementamos essas ideias com outras leituras do documento, como quando ele nos indica a “compreensão perceptiva da paisagem”, a “vivência dos indivíduos e da coletividade, nas relações com os lugares vividos” e os “costumes que resgatam a nossa memória social” (BRASIL, 2018, p. 359). Assim enxergamos, mais uma vez, um convite a esse formato de prática.

Lembramos que, neste momento, estamos trabalhando com a BNCC, pois este é o documento que irá referenciar o Ensino de Geografia no País. Mas, na verdade, se fizermos um exercício similar com outros documentos, sejam mais antigos, sejam em outras esferas (estaduais, municipais...), as competências principais que permeiam o ensino de Geografia parecem quase sempre passíveis de serem construídas com o suporte de uma Educação ao Ar Livre. Dessa forma, pensamos que a Educação ao Ar Livre não fica restrita a um ou outro documento oficial, mas que apresenta-se como possibilidade para a Educação Geográfica em suas mais distintas ações.

Ao observarmos a competência 1, “Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas” (BRASIL, 2018, p. 366), ponderamos que a compreensão da interação sociedade/natureza pode acontecer enquanto o aluno observa em diferentes locais as formas como essa interação aparece. Se propusermos uma atividade de Educação ao Ar Livre que leve os alunos a um local definido, qual a diferença em fazermos isso enquanto uma proposta de Educação ao Ar Livre ou enquanto uma saída de campo? A diferença é que uma saída de campo, de forma geral, nos levaria a um local onde paráramos, observaríamos e ouviríamos uma explicação sobre a temática abordada. Não dizemos aqui que essas etapas não são relevantes, no entanto, em uma prática de Educação ao Ar Livre, uma atividade que envolva o corpo e o local deve estar necessariamente presente, sendo assim, por exemplo, outras atividades seriam propostas, além das etapas das já presumidas em uma saída de campo.

Podemos pensar que a saída de campo pode ser um caminho para promover uma Educação ao Ar Livre, mas que não necessariamente toda saída de campo irá traduzir-se enquanto Educação ao Ar Livre. Em nossa leitura, é necessário que o professor que venha a conduzir essa prática tenha a intencionalidade de propor esse caminho para o ensino e a aprendizagem.

Cogitemos, por exemplo, uma atividade de Educação ao Ar Livre em que os alunos precisem montar um acampamento. Para isso, será necessário observar a paisagem, realizar a interpretação do sentido e da força dos ventos, identificar a umidade e a insolação, para então pensar estrategicamente onde irão posicionar suas barracas, com o objetivo de que essa estadia seja o mais confortável possível. Em uma atividade, mesmo bastante direta como essa, já podemos observar a forma como um aluno possa vir a desenvolver a competência número 1 da BNCC da Geografia, pois ao estruturar sua moradia provisória, ele está exercitando o raciocínio lógico do processo de estabelecimento das sociedades em sítios específicos, estimulando a investigação e a resolução de problemas que possam vir a acontecer. Mesmo um aluno que já possui toda a estrutura de moradia oferecida a ele, sem ter sido necessária uma reflexão, poderá entender como é a lógica da ocupação dos espaços e os fatores que explicam por que algumas escolhas são feitas.

Na competência 2 da Geografia o aluno deve “Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história” (BRASIL, 2018, p. 366). Assim como na competência anterior, o estabelecimento de conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico também pode ser desenvolvido através de práticas de Educação ao Ar Livre. Se pensarmos novamente em uma saída de campo, é muito proveitoso utilizar esse momento para construir essa competência, mas, mais uma vez, o que percebemos é uma explicação ocorrendo em locais que permitam

pensar e observar o que se quer desenvolver. Com uma prática de Educação ao Ar Livre, além disso, o aluno terá que estabelecer essas conexões entre os diferentes temas do conhecimento geográfico, através de atividades pensadas e planejadas por professores.

Para essa competência podemos planejar uma atividade que proponha a realização de uma trilha e a produção artística com materiais encontrados ao longo do trajeto. Ao planejar o exercício de uma trilha é importante para o aluno refletir sobre o local onde ela irá ocorrer, temperatura, pluviosidade, tipo de relevo, de vegetação, solo, dentre muitas outras características do ambiente. Ao acrescentarmos uma produção artística a essa proposta, estimulamos esses alunos a lerem as possibilidades que aquele local apresenta, por meio da leitura de cores, texturas e formas que podem se apresentar ao longo do caminho. Sendo muitas vezes até possível identificar determinados alimentos e recursos e perceber como esses aspectos encontrados ao longo do caminho podem facilitar ou dificultar a ocupação dos seres humanos. Trilhas realizadas em momentos distintos do ano letivo adicionam a contemplação da sazonalidade a esse processo de ensino e aprendizagem. Mesmo a atividade anterior, de acampamento, também poderia ser aplicada para o desenvolvimento dessa competência. Esses movimentos dialógicos nos encaminham a refletir sobre a ideia de que as atividades ao ar livre são metodologias que permitem o desenvolvimento de uma série de competências e que cabe ao professor, autor do processo pedagógico, definir quais serão desenvolvidas naquele momento.

A competência 4 encaminhará para que o aluno tenha que “Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.” (BRASIL, 2018, p. 366). Essa competência de desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, é mais uma que pode ser facilitada e potencializada através de atividades ao ar livre. Para essa

competência é possível pensar em um jogo de localização e estratégia que utilize ferramentas clássicas de localização, como mapas, e também aparelhos tecnológicos, como telefones celulares com localização por GPS. Em uma situação como essa, pode ser proposta uma atividade com etapas distintas em que a localização dentro do jogo vá ser definida por diferentes formas de representação cartográfica. Os alunos iniciam com o auxílio de um telefone celular (com o qual já estão mais habituados) e concluem com um mapa e um exercício de localização utilizando uma bússola. Através dessa atividade, os alunos são estimulados a pensar em resoluções de problemas, e localizar-se no espaço utilizando representações cartográficas. Além disso, é instigada a reflexão sobre as facilidades permitidas pelas novas técnicas desenvolvidas, uma vez que será feito o uso de diferentes mecanismos com acúmulos distintos de tempo. Uma outra possibilidade é buscar os silenciamentos muitas vezes proporcionados por essas novas técnicas - e que afastam nossos sentidos do ambiente em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses ainda são passos iniciais de nossa pesquisa, uma vez que uma série de elementos ainda possam e devem aparecer ao longo de novas etapas. Mesmo iniciais, essas reflexões já demonstram uma série de possibilidades apresentadas pelo campo da Educação ao Ar Livre para o ensino de Geografia. Nos parece relevante retomar a ideia de que a Educação ao Ar Livre não é caminho único para o desenvolvimento de habilidades e competências da disciplina de Geografia, mas que é também um caminho possível que pode vir a potencializar práticas escolares. Interpretamos que já existem uma série de indicativos que destacam os benefícios das atividades ao ar livre, mas sentimos que sua efetiva execução na realidade escolar ainda é incipiente. Também consideramos que a sua inclusão traria inúmeras novas possibilidades ao ensino e à aprendizagem e também às transformações pessoais.

Entendemos que o documento nacional curricular oficial é construído para indicar parâmetros e orientações, mas que cabe a autoria do professor definir as ferramentas e metodologias que permitirão o desenvolvimento dessas competências. A qualificação docente e o conhecimento de novas áreas de estudos permitem a escolha de novas práticas e caminhos para a construção significativa de conhecimento geográfico. Indicamos aqui apenas uma possibilidade que em nossa leitura inicial, aparentemente, permite pensar novas formas de alcançar essas competências e encaminhar e potencializar uma proposta de educação geográfica.

NOTAS

¹ Traduzido do inglês: “landscape is not merely the world we see, it is a construction, a composition of that world. Landscape is a way of seeing the world”.

² Traduzido do inglês: “is a woven surface changing over time to embody the various forces at play within the environment, including human action and behaviour”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso: 01 jul. 2019.

BROWN, Mike. Outdoor education: Opportunities provided by a place based approach. **New Zealand Journal of Outdoor Education**, v. 2, n. 3, p. 7-25. 2008.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para vida urbana cotidiana**. São Paulo: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2011.

CLAUDINO, Sérgio. Escola, Educação Geográfica e Cidadania Territorial. **Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, v. 18, n. 496 (09), dez. 2014.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GURHOLT, Kristi. Norwegian Friluftsliv as Bildung: a Critical Review. In: BECKER, P. & SCHIRP, J. (Ed.). **Other Ways of Learning**. Marburg: BSJ, 2008.

INGOLD, Tim. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 24-174, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

KNAPP, Clifford. The “I - Thou” Relationship, Place-Based Education. **Journal of Experiential Education**, v. 27, n. 3, p. 277-285, 2005.

LOYNES, Chris. The British Youth Expedition: Cultural and Historical Perspectives. In BEAMES, S. (Ed.) **Understanding Educational Expeditions**. Rotterdam: Sense Publishers, 2010.

MASSEY, Doreen. **Space, place, and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MASSEY, Doreen. Power-geometry and a progressive sense of place. In: CURTIS, Barry; PUTNAM, Tim; TICKNER, Lisa (Ed.). **Mapping the futures: local cultures, global change**. New York: Routledge, 2005. p. 60-70.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 19-42.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

PEREIRA, Paola Gomes. A educação ao ar livre voltada para o lugar e suas possibilidades no ensino de geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, R. Z. (Org.). **Movimentos no ensinar geografia: rompendo rotações**. Porto Alegre: Evangraf, 2015. p. 141-155.

PEREIRA, Paola Gomes; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Possibilidades da educação ao ar livre voltada para o lugar em um contexto brasileiro. **Para Onde!?**, UFRGS, v. 14, n. 1, p. 90-109, 23 nov. 2020. <<http://dx.doi.org/10.22456/1982-0003.102177>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

QUAY, John. Outdoor education and school curriculum distinctiveness: More than content, more than process. **Journal of Outdoor and Environmental Education**, v. 19, n. 2, p. 42-50, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/bf03400993>>. Acesso: 01 jul. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

WATTCHOW, Brian; BROWN, Mike. **A Pedagogy of Place**. Outdoor education for a changing world. Clayton: Monash University Publishing, 2011.